





Qualis, Frutos Não-indexados: Sem Banca, DOI, Pedigree ou Passaporte

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo: Este texto apresenta uma crônica de caráter alegórico sobre a produção e a circulação do conhecimento, tensionando os critérios tradicionais de legitimação acadêmica, como indexação, autoria e prestígio institucional. A partir de uma experiência sensível e simbólica, o texto constrói a imagem do saber como algo vivo, relacional e coletivo, que se produz no encontro entre corpos, histórias e necessidades concretas. Ao mobilizar elementos da literatura e da crítica epistemológica, a escrita questiona hierarquias do conhecimento e sugere outras formas de pensar aprendizagem, ciência e partilha, deslocando a centralidade da vaidade e da disputa para a responsabilidade ética de nutrir o outro.

Palavras-chave: alegorias, saber coletivo, crônica, justiça epistêmica, crítica acadêmica.

Abstract: This text presents an allegorical chronicle about the production and circulation of knowledge, challenging traditional criteria of academic legitimisation such as indexing, authorship, and institutional prestige. Drawing on a sensitive and symbolic experience, it constructs knowledge as something living, relational, and collective, produced in the encounter among bodies, histories, and concrete needs. By mobilising elements of literature and epistemological critique, the writing questions hierarchies of knowledge and suggests alternative ways of thinking about learning, science, and sharing, shifting the focus away from vanity and competition toward the ethical responsibility of nourishing others.

Keywords: allegories, collective knowledge, chronicle, epistemic justice, academic critique.

Laura Gomes de Andrade

Discente, Instituto Federal São Paulo, Cubatão, SP, Brasil
Técnica em Marketing, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

 <https://orcid.org/0009-0008-1315-9260>

gomes.andrade@aluno.ifsp.edu.br



Recebido em 15/12/2025

Aceito em 15/01/2026

Publicado em 28/02/2026

Banheiros têm um jeito muito próprio de suspender o mundo.

Ali, o ar fica mais denso, como se o vapor conseguisse empurrar para longe tudo o que pesa.

O azulejo frio encosta na pele e lembra que o corpo existe antes de qualquer ideia.

No banheiro, a gente desaprende a impostura.

Eu entrei para tomar um banho sem pressa, coisa rara.

A água caiu primeiro como quem pede licença, depois ganhou confiança e escorria pelo meu corpo levando embora o excesso: poeira, pressa, e um pouco do orgulho que insiste em me acompanhar como sombra.

Fechei os olhos.

Me concentrei na água numa tentativa sincera de aplicar aquelas técnicas de atenção plena que juram nos ajudar a lidar com o que chamo de peso do mundo.

E o cheiro doce chegou.

Manga madura.

Densa, alegre, quase insolente de tão viva.

Abri os olhos.

Elas estavam ali.

Umás três ou quatro, tímidas e ao mesmo tempo exibidas demais para ignorar.

Pequenas, mas com aquela cor que parece ter aprendido a amadurecer no sol.

Estendi as mãos, ainda com o tal peso do mundo grudado nos dedos.

A fruta se desfez na minha palma antes que eu pudesse senti-la.

Como se dissesse: “assim não”.

A água continuou correndo, e eu fiquei com uma estranha mistura de frustração e vergonha, sem saber exatamente de quê.

Terminei o banho sentindo algo leve demais para nomear e pesado demais para esquecer.

Quando abri a porta, lá estava ele.

O senhorzinho.

Xadrez desbotado, bermuda jeans surrada, Havaianas com histórias demais.

Um cabelo um tanto desajeitado, um cheiro doce, tão doce quanto o das mangas.

Ele me olhou como se estivesse me esperando desde sempre.

— Gosta de mangas?

Eu ri.

— Quem não gosta?

Ele fez um gesto com a cabeça e caminhou.

Eu fui atrás.

No caminho, o ar mudou.

Ficou mais verde.

Cheiro de terra molhada, de folha quebrando entre os dedos, de tarde que não acaba.

O chão sob meus pés parecia pulsar, como se respirasse junto comigo.

E então ela apareceu.

A árvore.

Não uma árvore.

Ela.

O tronco era tão largo que qualquer tentativa de medi-lo pareceria arrogância.

As raízes surgiam de todos os lados, fugindo de qualquer noção de limite; os galhos se esticavam para o alto, mas também para o longe, como braços que acolhem e convocam ao mesmo tempo.

Cheguei perto com cautela, sentindo o cheiro da seiva, da sombra fresca, do doce que ainda estava por vir.

Toquei o tronco.

A casca era áspera, mas tinha calor.

Um calor antigo, quase humano.

Colhi uma manga.

O galho vibrou levemente e, no mesmo instante, nasceu outra no lugar.

A polpa da fruta pesava na minha mão com a consistência do agora.

Eu ouvi, juro que ouvi, a árvore crescer um pouco mais.

E o senhorzinho? Me observava com uma paciência que só quem já viu muitos espantos sabe ter.

Pessoas passavam.

Passavam e voltavam.

Subiam nas raízes como quem sobe numa escada de casa.

Cientistas ao lado de donas e donos de casa, professores caminhando junto com crianças, pessoas de todas as formas, cores, cheiros e áreas colhendo do mesmo jeito.

Nenhuma diferença que diminuísse alguém.

Era como se as noções que um certo francês nos revela não existissem ali.

Cada toque gerava mais vida.

— Aqui só se pega o que precisa — disse o senhorzinho. — E quem vem carregado de vaidade e egoísmo não consegue colher.

A árvore percebe.

O vento passou entre as folhas e ouvi um som que lembrava riso.

Ou alívio.

Eu explorei mais.

Frutas que mudavam de cor ao girar na mão.

Cheiros que pareciam acordar lembranças que ainda não vivi.

Sabores que prometiam coisas que não existem na prateleira do supermercado.

Tudo vivo demais para caber em qualquer lógica.

E foi então que eu vi.

A senhora acinzentada, sentada numa raiz como quem espera o tempo passar mais devagar.

Ao lado dela, duas crianças: olhos grandes, esperança mansa.

Fome de algo que não era só comida.

Meu corpo travou por um segundo.

Eu não sabia se podia me aproximar.

O senhorzinho fez sinal afirmativo com o olhar.

— Elas precisam de um fruto que ainda não nasceu — ele explicou. — Só vai existir quando alguém tiver coragem de colher.

A árvore vibrou sob meus pés.

E eu entendi.

Entendi que a árvore era o conhecimento.

Não aquele que fica fechado em salas brancas com carteiras enfileiradas, não o que se disputa em prêmios com nomes difíceis, nem o que precisa de autorização para existir.

Era o saber que se cria no encontro, o que alimenta e é alimentado, que cresce quando tocado por mãos diferentes.

A árvore não assinava autoria.

Ela não queria citadores.

Ela queria coragem!

E então acordei, com o vapor do banho ainda colado na pele. Nenhuma manga no chão.

Nenhuma raiz gigante atravessando o piso.

Só o silêncio e o incômodo de quem entende algo importante tarde demais. Incômodo de quem sente a dor de saber que o mundo lá fora ainda insiste em limitar o conhecimento dentro de formulários, em medir inteligência pelo tanto de palavras estrangeiras que cabem num texto, em confundir vaidade com mérito.

Enquanto isso, sigo em busca de não ser peso do mundo, em busca de ser Árvore. Menos disputa e mais Fruta que nasce quando alguém precisa.

Talvez o futuro dependa disso: de devolver ao saber o cheiro da manga madura e a simplicidade de quem colhe sabendo que, ao colher, faz nascer, não para si, mas para o outro.